



**Daria a minha vida a quem me desse o tempo¹:
Pensando o corpo da negra e mulher no espaço público e escolar**

**I'd give my life to one who'd give me time:
Reflecting on the figure of a black woman in public spaces and school environment**

**Daría mi vida a quien me diera el tiempo:
Pensando el cuerpo de la mujer negra en el espacio público y escolar**

Aline Correia Martins²

RESUMO

O presente artigo traz reflexões analíticas de si, sobretudo a partir de uma pesquisa autobiográfica relatada por uma professora negra. Para isso, este artigo desdobra-se em três traçados de experimentações de si entre prática-teoria e com o outro no cotidiano escolar, principalmente do ponto de vista de uma professora negra. Como reflexões desta pesquisa, faço os seguintes apontamentos: sobre o corpo da mulher negra nos espaços públicos e sobretudo fazer pensar como os espaços públicos se relacionam com o corpo feminino negro. O trabalho é demarcado pelas categorias de cor, gênero e classe no espaço de ensino e nas interações com alunos e profissionais da educação na Baixada fluminense, no Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço público, corpo, mulher negra e escola

ABSTRACT

This article is about self-reflection, specifically from a point of view of a teacher and a black woman. This article unfolds in three parts: theory and practice, and everyday life in school, mainly from a point of view of a black female teacher. As reflections of this research, I bring the following points: the presence of a figure of a black woman in public spaces, and even more, how these public spaces relate to a figure of a black woman. Reflecting on the figure of a black woman in public spaces and school environment. This research is based on color, gender and class in teaching environment with students and school professionals from beaixada Fluminense in Rio de Janeiro

KEYWORDS: Public spaces, black woman and school

Submetido em: 30/09/2019 – **Aceito em:** 20/11/2019 – **Publicado em:** 28/12/2019.

¹ Frase retirada de uma letra de música intitulada Dança. Compositor: Carlos Gonçalves Machado Neto e intérprete Elza Soares.

² Cientista sociel pelo UFRJ, Mestre em Educação (UERJ/Proped) e integrante do Grupo de pesquisa GENI (UERJ)

**RESUMEN**

En este artículo se presentan autorreflexiones analíticas, especialmente apartir de una investigación autobiográfica relatada por una profesora negra. Para eso, este artículo se desarrolla en tres partes que se relacionan a experimentos que involucran práctica, teoría y el cotidiano escolar, principalmente desde el punto de vista de una profesora negra. Las reflexiones de esta investigación se concentran en la presencia del cuerpo de la mujer negra en los espacios públicos, con la intención de hacer pensar cómo los espacios públicos se relacionan con el cuerpo femenino negro. El presente trabajo está marcado por las categorías de género, clase y color, en las escuelas y las interacciones entre alumnos, alumnas y profesionales de educación básica de la Baixada Fluminense, en Río de Janeiro.

PALABRAS CLAVE: Espacio público, cuerpo, mujer negra, escuela.

Mil nações
Moldaram minha cara
Minha voz
Uso pra dizer o que se cala
O meu país
É meu lugar de fala
(Elza Soares)

Antecipo o artigo explicando que optei por uma escrita narrativa, na primeira pessoa, usando minha própria experiência, vivenciada no espaço público, para trazer questões, pensar e discutir o impacto do corpo negro e feminino nos espaços públicos. Escolhi propositalmente usar a categoria negra⁴ antes de feminino como uma forma de sinalizar que esse demarcador, que é a cor/raça/etnia nestes espaços, me trouxe novas questões que estão além de pensar o meu gênero feminino na escola – tal definição não hierarquiza ou não minimiza um debate cuidadoso sobre o gênero/sexualidade nos espaços públicos, muito pelo contrário pensar que sou uma mulher negra faz mais sentido que do simplesmente dizer que sou uma mulher e negra. Compartilho aqui ideias da autora norte americana, Patrícia Hill Collins, onde ela faz o seguinte apontamento:

Frequentemente me perguntam: “O que tem sido mais opressor para você, seu status de pessoa negra ou seu status de mulher?” O que realmente estão me pedindo é que eu me divida em pequenas caixas e hierarquize meus diversos status. Se minha experiência de opressão é um fenômeno ambos/e, porque eu deveria analisá-la de maneira diferente?” (2014, p.18).

⁴ Escolhi usar a letra E para não definir o gênero, na tentativa de ser menos sexista possível.



Não posso analisar separadamente o fato de ser negra e de ser uma mulher como se houvesse a separação dessas duas categorias, como se fossem caixas ou divisórias que minimizassem meus estigmas. É claro que ambas as categorias são sinalizadoras do lugar de subalternidade e que especificam muito bem que lugar social e quais imaginários sociais incidem sobre uma mulher negra. Existem muitos corpos que sofrem e que são vistos como corpos possíveis de morrer (serem eliminados ou apagados) em detrimento a outros corpos que se deve deixar sobreviver - é uma relação de poder muito explícita, conforme destaca, o autor Achille Mbembé⁵ em necropolítica; pensar a quem, a qual povo/população cabe essa política de deixar morrer, ou seja : “ da instrumentalização generalizada da existência humana e na destruição material de corpos humanos e populações”. (MBEMBE, 2003, p.14). Entendo que não é apenas permitir matar, deixar morrer, mas fazer ou permitir que se operem políticas de morte. A morte que o autor descreve não é apenas uma morte literal, mas também a fragilidade de corpos que estão em risco eminente de morte e também do apagamento social, do desaparecimento de trajetórias, de suas histórias e dos seus ancestrais. O corpo negro feminino se encaixa em um corpo que é marcado e fragilizado por uma política de/ da morte ou/e apagamento/minimização de sua humanidade.

Produto de uma máquina social e técnica dissociável do capitalismo, da sua emergência e globalização, esse nome foi inventado para significar a exclusão, embrutecimento e degradação, ou seja, um limite sempre conjurado e abominado. Humilhado e profundamente desonrado, o negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos, cuja carne foi transformada em coisa, e o espírito em mercadoria- a cripta viva do capital (FANON, 1979, p. 19)

Este texto é pensado a partir da minha experiência pessoal como *modus*⁶ direcionador de uma prática. Parto do meu corpo para pensar e trazer inquietações sobre o significado do corpo de uma mulher negra em/nas instituições. As experiências por mim relatadas serão parte nas instituições públicas, especificamente na escola pública. Poderia relatar sobre diversos espaços, até porque sabemos que o racismo é estrutural e estruturante no Brasil, mas pensar o racismo

⁵ Autor negro, não europeu (Africano), que traz uma escrita descentralizada do eixo Europa e Estados Unidos da América.

⁶ Grifo meu



em lugares onde se supõe uma crença de meritocracia acredito ser um excelente demarcador de como nosso corpo(corpo negro) é sempre visto como uma ameaça e, por ser sempre uma ameaça, podemos pensar em que ser um corpo negro nos coloca numa posição de seres despotencializados, violentados e de um corpo dado para a morte ou para matar. A sensação é que nesta sociedade, em referência aos corpos negres, diariamente reproduzem as mesmas formas de nos eliminar e inventam outras formas com a máxima: Antes que nos matem, é melhor que sejam eliminados!

Trago para pensar, provocar essas problematizações filósofo Michel Foucault, em que sobretudo na sua obra Vigiar e Punir coloca que a “ritualização pública na morte desaparece no final do século XIX” (1999, p. 295), olhando a sociedade, e o autor é marcado pelo lugar social que este ocupava - o lugar de um homem vivendo na sociedade europeia, cabe pensar os limites do processo de ritualização desaparecendo no século XIX, já que vivemos em uma sociedade que o linchamento é uma prática realizada em atualmente .

Defendo que a maiorias das escritas são marcadas pelo lugar que ocupamos na sociedade, pela classe e por nossa trajetória. Enfatizo, que ser um homem branco e/ ou viver na europa não minimiza a contribuição intelectual de um autor, ou de quaisquer descrevendo realidades alheias ao seu cotidiano. Mas, faço a aposta que viver as realidades na qual produz saberes, de certa forma, pode e acredito que altere a forma da escrita, inclusive trazendo novas análises.

Foucault, em sua análise sobre a ritualização da morte, delimitada seu olhar a partir da na sociedade em que vive e não transpõe este (seu) olhar para outras sociedades, como as sociedades africanas⁷, por exemplo, mas de forma geral, esse processo de ritualização não se estende as sociedades não europeias e podemos até pensar na sociedade brasileira atualmente na qual a polícia entra em comunidades carentes, as chamadas favelas, e faz “justiça” sem passar por etapas jurídicas, matando corpos de homens jovens e negres e passando no noticiário da noite como se fosse algo realmente adequado e natural alguns corpos serem noticiados na

⁷ Não apenas nas sociedades africanas, podemos pensar no Brasil, como mulheres transgêneres e homens transgêneres têm suas vidas eliminadas muitas vezes, como espetáculo. Lembremo-nos do triste episódio da Dandara, mulher transgênera que foi violentada, morta e filmada pelos agressores e vista por diversas pessoas e o vídeo foi compartilhado na rede social.



sua eliminação e apagamento social enquanto a “família” janta em sua mesa de jantar. Esses corpos são filmados arrastados, ensanguentados e no dia seguinte é transmitida pela televisão mais uma entrada policial, matando e eliminando materialmente e destruindo a história destes corpos. É a própria espetacularização de corpos pobres e negres diariamente. Esse modelo se enquadra no mesmo modelo de espetacularização da sociedade europeia no século XIX, sendo que descrevemos o Brasil de pleno século XXI.

Reforço que fazer uma crítica a um autor de grande relevância teórica como o Foucault não é desqualificar e muito menos desconsiderar sua produção teórica que muito nos acrescenta. É, no entanto, fazer pensar que o lugar que ocupamos na sociedade pode restringir algumas análises – logo, opto por trazer uma perspectiva que acrescenta na análise dos corpos não europeus, ou frutos de uma diáspora, como dos negros e negras descrita na obra do autor por Mbembe.

Mbembe (1959) tem sua obra muito influenciada pelos textos, livros e entrevistas do autor Frantz Fanon (1925-1961) - outro autor negro, não europeu (africano), mas que viveu na Europa (França). A obra de Fanon traz consigo um debate anticolonialista e anti-eurocentrista do mundo e, nessa não centralidade de pensar o mundo via pensamento europeu, além de fazer uma severa crítica ao colonialismo e a forma de agir como colonizado (psiquismo do colonizado), traz novas possibilidades de construção de saber. Fanon descreve o racismo para além do Nazismo, sem se esquecer ou criar hierarquias dos genocídios, até porque sua preocupação não estava centrada em descrever qual era o maior racismo, mas entender como o processo colonial da diáspora africana foi construtor do racismo que afetou em ambos os aspectos desde os psicológicos, no contexto histórico e social, até o sistema político e econômico. Tanto Fanon quanto Mbembe trazem muitos aparatos teóricos e analíticos para pensar os corpos negros no mundo que, para mim, são vistos como corpos sempre em deslocamento e em um constante processo de desencaixe. Uso a palavra mundo porque consigo deslocar a teoria deles do tempo e do lugar (espaço) em que eles escrevem para a sociedade brasileira e, principalmente, para pensar minha experiência como um corpo negro, no espaço público, sendo este corpo de uma professora na rede pública estadual do estado do Rio de Janeiro, Brasil.



Seu/meu corpo negro no espaço público...

A escola é espaço que historicamente é ocupado por corpos femininos⁸ e por mulheres cisgêneras, acredito que este forte marcador de gênero também se reflete na pouca valorização salarial do profissional da educação, já que uma vez que na sociedade brasileira as profissionais femininas ganham salários inferiores aos homens, uma profissão vista como feminina - a do profissional da educação básica - acaba sendo a profissão com ensino superior com a menor remuneração.

Escrevo do lugar de quem trabalha na educação formal no ensino básico e especificamente no ensino médio. Ou seja, em um território conhecido como prática profissional dos corpos femininos, não negres. O corpo negro ou, sendo mais específica, de uma negra é sempre questionado na execução do trabalho ou mesmo na sua presença no espaço, o corpo negro é estatisticamente minoritário na presença como professores no exercício, em sala de aula, 3,9% dos professores são negres, ou se declararam como negres, segundo o Censo Escolar/INEP/MEC realizado em 2014.

Logo, dentro em uma maioria feminina, o corpo negro é uma minoria em sala de aula, como ocorre em outras profissões com ensino superior. *O corpo negro é o corpo da exceção*⁹. Este corpo da exceção é também o meu corpo e me sinto questionada na minha atividade profissional, a qual é sempre posta em dúvida, na qualidade do trabalho e na escolha das minhas falas.

Os racismos institucionais e estruturais não aceitam que corpos negros estejam em uma posição de comando ou de poder, mesmo em um lugar que já é desvalorizado socialmente, na sociedade brasileira, pela política nacional. Será que um/a profissional negro, que é aprovado em concurso público, passando por provas como qualquer outro/a profissional da área teria supostamente uma respeitabilidade do corpo docente, discente e administrativo que um/a profissional

⁸Segundo o Censo Escolar/INEP/MEC. 80% dos profissionais que trabalham no ensino fundamental que abrange desde as séries iniciais até o ensino médio são compostas por mulheres. Fonte: https://www.todospelaeducacao.org.br/arquivos/biblioteca/perfil_docente_tpe.pdf

⁹ Grifo meu.



branque? Será que é possível viver sem sentir as dores do racismo em uma sociedade estruturalmente racista? A minha provocação, dada experiência, é que esse profissional negro é sempre visto fora do lugar, por sorte (diria muita sorte) ou por algum erro, trazendo sobre este corpo uma sensação de eterno deslocamento e desencaixe social.

Professores/as de ensino básico e médio são pouco valorizados e tem pouca barganha nas decisões políticas. Mesmo com histórico de pouca valorização, ressalto que não podemos recusar que a posição de poder e autoridade e, como todo lugar de poder, traria distinções comparativamente a outras pessoas no mesmo espaço, sobretudo negres. Das formas de distinções, posso citar as formas de respeitabilidade na fala, da atuação e do conhecimento.

Aqui optei por usar o termo distinção no lugar de privilégio e me apoio na crença que um corpo negro não tem em uma sociedade hierárquica, racista uma posição de privilégio. Corpos que estão sempre desvalorizados, ameaçados e na base da pirâmide social não se adequam em categorizações de privilégios, talvez se distingam uns dos outros pela possibilidade de ter mais acesso cultural e econômico ou por serem heterossexuais e cisgêneros.

Optando por ser direta nesta escrita e assumindo percepções diárias, percebo que os discursos se ampliam conforme o corpo negro assume e se declara negro, trazendo para a instituição em que trabalha as questões sobre o racismo, questões essas que são respaldadas e cumprem a obrigatoriedade da lei 10.639/03¹⁰, de ensino da cultura afro-brasileira e africana no ensino fundamental ao médio. venho percebendo, durante a atuação como professora, que essa lei vem sendo pouco cumprida e quando é cumprida depende afinidade do profissional com o tema. Ademais, muitas escolas aplicam essa lei no dia da consciência negra, resumindo a atividade à capoeira e a atividades que reforçam estereótipos presos na escravidão ou no período imediato pós-escravidão, olhando o negro datado historicamente e exclusivamente marcado pela escravidão.

As atividades sobre a população afro-brasileira e a herança africana do continente são resumidas no tempo delimitado, como se a escola pública não fosse vivenciada por uma

¹⁰Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas redes públicas e particulares de educação.



população negra, como jovens negres não estivessem naquele território ou que simplesmente a aplicabilidade devesse ocorrer por profissionais que tivessem afinidade/ afetividade com o tema. Uma das perguntas que trago aqui é: Como não refletir que estes corpos negres que vivem na escola, não podem ser pensados por todos profissionais de forma transversal o ano inteiro? Como são vistos estes corpos negros sem seus diversos atravessamentos de como gênero, raça e classe?

Falar do meu corpo de mulher negra na sala de aula não é falar de um corpo que é exceção na educação pública e gratuita, no Brasil. Somos sujeitos em sala de aula, não objetos – na construção e troca de conhecimento somos todos sujeitos. Incluímos como sujeitos todos os trabalhadores da educação como: merendeiras e administrativo da escola. Cabe lembrar que professores trabalhadores no campo da educação, assim como outros trabalhadores que não são professores, mas atuam na educação.

O meu corpo professora e trabalhadora da educação não é tão diferenciado dos corpos das cadeiras da sala de aula, na escola pública, no Rio de Janeiro. E devo assumir que seria natural que um professore negre se aproximasse das questões afro-étnico-raciais, já que a dificuldade enfrentada por um profissional negre de adentrar espaços públicos é dificultada pelo pouco acesso dos negres ao curso superior. Basta pensar na mobilidade social dos negres neste país - mobilidade social que pouco acontece, corpos que inexistem ou pouco existem nos em espaços de poder, corpos fragilizados e amedrontados porque a sociedade brasileira compartilha de interesses colonizadores e da branquidade¹¹, fazendo com que corpos que não correspondem a um imaginário e a uma expectativa ficcional do que significa ser branco rompam com um contrato de privilégios, que só são recebidos por quem se enquadra na percepção de cor, raça, classe e gênero esperada. Ou seja, de preferência homem cis, hetero e branco.

No entanto, sabemos que é raro alguém poder fazer a escolha de ser ou não ser branco/a¹². Alguns negres se distinguem dos outros negres pelo colorismo – colorismo explica que quanto

¹¹ Ver Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana, Lia Vainer Schucman.

¹² Uso o termo escolha pensando no colorismo. Negres com tons claros de pele que podem e não são classificados imediatamente como negres



mais pigmentação/melanina tem uma pessoa, maior é o racismo sobre ele/ela. Ou seja, pretos mais claros tem maior circulação no meio social, sofrendo menos ou de forma menos direta ações racistas na sociedade brasileira.

Corpos pretos em algum momento na vida são/terão seus corpos vulneráveis, atacados, desmerecidos, tratados como público ou mesmo herdando todo um passado de fragilidade social que o dificulta a uma vida menos acobardada de pessoas que trazem em seu corpo aspectos que pertencem à branquidade – assim, características como a inteligência/intelecto do corpo preto são sempre questionadas. E esse é o ponto principal sobre o qual vou escrever.

Escrevo sobre o significado de uma mulher negra na escola, porque acredito que falar da presença do meu corpo negro na escola, representa pensar que o corpo negro no espaço público, corpo que não pode ser apenas visto como mais um corpo, não é! Sei que sou uma exceção na sociedade brasileira, como mulher e negra com ensino superior, trabalhando como professora em uma escola pública, ou seja, sendo concursada. Não é segredo que o salário do professor no Brasil está dentre as profissões com ensino superior com a menor remuneração.

Aponto a condição econômica e remunerativa do profissional para pensarmos que no espaço de concursado, mesmo sendo com uma remuneração menor, o privilégio de fala e de poder é concentrado na fala de pessoas brancas e mesmo entre alunes negres dificilmente os debates se pautam nas questões sobre etnicidade. A responsabilidade, quando existe, de tocar no tema fica restrita aos profissionais de disciplinas chamadas humanas, essas que são menos valorizadas no espaço educacional.

Esse corpo que vos escreve é um corpo político. *É político porque é um corpo que é feminino e é Negro*¹³. Sou mulher negra, prefiro marcar desta forma – corpo que foi enegrecendo com o tempo, com as demandas da escola com a aproximação e afetação com as questões de exclusão escolar. Trazer no corpo as marcas e a escolha de enegrecer é trazer consigo a potência e a possibilidade de sentir, vivenciar e pensar mais na violência. Não me recordo de não saber que era negra, mas sempre achei que era uma negra menos negra do que outras mulheres e

¹³ Grifo meu.



homens que partilhavam o mesmo espaço na minha infância, que meus familiares por parte materna são negres de tipologias físicas diferentes da minha.

Conforme o tempo de estudo, foi aumentando a percepção de que as pessoas que dialogavam comigo, as amigadas, ficavam mais claras, mais brancas e, por um lado, eu também me distanciava de uma forma de me pensar como negra, me pensar como Negra de forma política, sobretudo. Contudo, no espaço escolar, as pessoas, alunes e funcionários da escola me fizeram repensar o meu lugar e o lugar dos negres no espaço escolar, que é um dos vários espaços públicos que frequento. Mas, a escola é o território em que por mais tempo fixo meu corpo semanalmente e, conseqüentemente, o espaço em que mais penso me penso e penso teoricamente. É o local que me faz lembrar e voltar a verbalizar a mulher negra que sou, e nesta lembrança e verbalização vou me enegrecendo. Sobre o verbo enegrecer, Sueli Carneiro em seu texto “Mulheres em Movimento” salienta:

Enegrecendo o feminismo é a expressão que vimos utilizando para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro. Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construídos em sociedades multirraciais e pluriculturais. (2003,p.118)

Pensar sobre este espaço me fez e me faz pensar em me inserir nele de forma que contribua para pensar a teoria, para ter uma prática que faça sentido e para que aquele espaço seja agregador para os alunos e com alunes. Sair do espaço privado e estar presente no espaço público participando ativamente nele é se deparar com o descontentamento do corpo que tem dificuldade em ser inserido em uma lógica que ainda é colonial. Como descreve Fanon em seu livro *Pele Negra, Máscara Branca*:

Alguns meterão na cabeça que devem nos lembrar que a situação tem um duplo sentido. Respondemos que não é verdade. Aos olhos do branco, o negro não tem resistência ontológica. De um dia para o outro, os pretos tiveram de se situar diante de dois sistemas de referência. Sua metafísica ou, menos pretenciosamente, seus costumes e instâncias de referência foram abolidos porque estavam em contradição com uma civilização que não conheciam e que lhes foi imposta. (FANON, 1967, p.103.)

Muitos des discentes não compreendem para que esse espaço(escola) serve para a vida deles e delas. Por diversas vezes, também pensei qual a importância real do espaço escolar na vida de



muitos, inclusive na minha vida. De forma pragmática, qual seria a importância além do receber o diploma? É claro que, meu corpo de professora é diferenciado dos corpos dos alunes negres. Os quais sofrem dúvidas e são desmerecidos, mas não sofrem as mesmas dúvidas que as minhas. A desvalorização dos corpos dos alunes negres são outras dúvidas que passam pelo meu corpo, meu corpo sofre a distinção de um corpo escolarizado com ensino superior, mas, mesmo por ser concursada pública sofro as distinções que uma mulher negra passa com curso superior.

A diferença é que, com a minha pseudoautonomia e poder de professor, posso castigar, apontar e até processar alguém que duvide da minha qualidade profissional por causa da minha cor e gênero. Já alunes são mais fragilizados, porque o racismo opera formas diferentes com ele/elas do que comigo, além disso o racismo pode-se refinar, criar estratégias de maior dificuldade interpretativa, causa às vezes dúvidas, dependendo da pessoa e do lugar que ocupamos. Arrisco dizer que existe certo refinamento com o racismo no espaço comigo do que acontece com meus com discentes.

Como professora, esqueço muitas vezes que na prática profissional, que meu corpo é marcado e atravessado pela intersecção da diferença de ser mulher negra. *Não estou em vigilância e “alerta” e muito menos consciência disso o tempo todo!* Uma negra que, como dito acima, foi enegrecendo e o posicionamento de enegrecer, tornou minha fala com posicionamento mais negro e uma estética física negra. Essas mudanças trouxeram alterações da forma que sou tratada - porque ser negra já é um indicador de que vai sofrer constantemente racismo, mesmo quem ainda não percebeu o racismo. Mas, ser negra, falar que é negra, se posicionar politicamente como mulher negra usar roupas e um cabelo que reafirmam as marcas da negritude, parece uma provocação nos espaços que não estão acostumados a receber negres ou espaços que estão acostumados a receberem negres em um lugar sem alternativa de comando ou liderança.

Cabe lembrar que apenas de ter mais brancos com curso superior já indica quem tem mais poder de fala. Sabemos que existem professores negros, menos do que deveria – mas percebi que ser uma mulher negra e trabalhar com temas que falem da questão é ser vista como militante



inconveniente e ver racismo em tudo, esta posição pode isolar nas escolhas e nas falas cotidianamente.

A teórica Grada Kilomba, no seu artigo *A Máscara*, traduzido por Jessica Oliveira de Jesus, descreve que a boca simboliza a enunciação. Logo, calar é uma estratégia de oprimir.

A boca é um órgão muito especial, ela simboliza a fala e a enunciação. No âmbito do racismo a boca torna-se o órgão da opressão por excelência, ela representa o órgão que os(as) brancos(as) querem – e precisam – controlar e, conseqüentemente o órgão que, historicamente, tem sido severamente reprimido (2010, p. 172)

Ser uma negra pouco pigmentada no Brasil, traz um não conformismo de muitos quando a pessoa se afirma negra. Porque se eu sou negra, outras pessoas no mesmo tom são negres também e, inevitavelmente essa forma de “assumir” minha negritude é quase um apontamento e cobrança que outros corpos também se vejam como negres.

O assumir a negritude não é criticado, mas o desconforto quase sempre é gerado. Sinto que gostariam que não falasse, poderia ser uma não questão. Assumir a negritude é trazer muito próximo de si o olhar de muitos adjetivos não agradáveis.

Fanon aponta primorosamente, em seu livro *Pele Negra*, máscaras brancas, o que significa enfrentar o olhar do branco:

Depois tivemos de enfrentar o olhar branco. Um peso inusitado nos oprimiu. O mundo verdadeiro invadia o nosso pedaço. No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas. (1963, p. 104)

Atenta aos olhares, por diversas vezes, ao falar que sou negra na sala de aula. Percebia em um primeiro momento um desconforto nos alunes onde muitos se olhavam, mas não falavam e o silêncio tomava o espaço da sala de aula. Com a repetição, ao sinalizar ser negra, indiretamente declaro que existem outros negres naquele espaço, com tons de pele semelhantes ao meu. Quando falo, recebo as seguintes perguntas: professora eu sou negra? Eu não posso ser pardo? Minha mãe e meu pai não me acham negra ou negro, eu sou um pouco mais claro que você. Também sou negro/a? Minha coxa é muito mais clara que o rosto, sou negro/a?



Assumir-se negro é pensar sobre o lugar do negro por muitas horas do dia, é estar no espaço em que te olham como estranho e em que se sente invasor, fora de casa raramente me sinto pertencente a algum espaço. Ser negro na escola, por exemplo: é não achar que as questões de ofensas na escola se enquadram sempre no debate sobre *bullying*, é não ver que todos alunos negres se encaixam na mesma justificativa de família desestruturada. E trazer nos conselhos de classe que a questão racial, afirmando que é um debate importante e interfere no aprendizado, mas do que enquadrar crianças e jovens negros como oriundos de lares desestruturados que as famílias e trazer um debate que a cor interfere e é trazer desconforto ao apontar que as instituições são racistas e que elas são compostas por indivíduos e são ou reproduzem um racismo estrutural.

Esses posicionamentos levam os pares a olhar os professores como *persona non grata*, que se coloca no lugar de vítima, sendo um “privilegiado” – adjetivo que recuso, mais uma vez usar. Acrescento dizendo que para alguns corpos não existe o adjetivo privilégio, porque mesmo estando em um espaço e tendo de distinção de corpos do mesmo gênero, sexualidade, raça se comparada a uma enorme maioria de negres na sociedade brasileira.

Não me sinto como mulher negra nem um pouco privilegiada e sim, com um pouco de distinção¹⁴ – já que o “privilégio” é tão frágil que isoladamente os riscos de morte e de violência sobre meu corpo são maiores do que de uma pessoa branca - defendo que o adjetivo privilégio só cabe aos brancos e de preferência aos homens e brancos.

Afinal, trazer consigo uma satisfação de ser o que é – satisfação de ser negro - é apontar aos outros que precisam ingerir não só um discurso ou discursos, mas uma agenda que aborda a questão racial, sem mesmo falar verbalmente da questão de raça.

O corpo enegrecido é um corpo estereotipado. A minha escolha religiosa não precisa ser dita, é subentendida. E, consequentemente sofro de antemão preconceito por pensarem em uma religião de origem preta. Inúmeras vezes, alunos me perguntaram se sou “macumbeira” por

¹⁴ Atevo-me a dizer que homens negros, homens transgêneros, mulheres transgêneros e travestis não podem ter privilégios se a qualquer momento podem ser mortos e mortas. A proteção destes corpos e circulação são muito fragilizados para terem alguns privilégios.



usar um colar étnico, ou uma pulseira, dando a entender que esses artefatos são religiosos. Muitas vezes, precisei dizer que era apenas um cordão. Já ouvi também um colega de profissão comentar que estava querendo “bater tambor” por estar dançando uma manifestação folclórica do nordeste chamada “cavalo marinho”. Existem várias suposições e especulações de fora sobre as minhas escolhas, minha religião.

O meu corpo e os demais corpos similares ao meu, não são pensados como corpos que trazem epistemologias. São corpos sempre analisados e nunca analíticos. E são quase sempre vistos como um objeto a ser estudado. Quando nos colocamos como sujeitos as críticas são enormes, as cobranças incessantes, as dúvidas sobre a qualidade constantes. Como desnaturalizar o olhar contaminado, onde colocamos negres como objetos e não como sujeitos de pesquisa.

Nessa época, desorientado, incapaz de estar no espaço aberto com o outro, com o branco que impiedosamente me aprisionava, eu me distanciei para longe, para muito longe do meu estar-aqui, constituindo-me como objeto. O que é que isso significava para mim, senão um desalojamento, uma extirpação, uma hemorragia que coagulava sangue negro sobre todo o meu corpo? No entanto, eu não queria esta reconsideração, esta esquematização. Queria simplesmente ser um homem entre outros homens. Gostaria de ter chegado puro e jovem em um mundo nosso, ajudando a edificá-lo conjuntamente. Mas rejeitava qualquer infecção afetiva. Queria ser homem, nada mais do que um homem. Alguns me associavam aos meus ancestrais escravizados, linchados: decidi assumir. Foi através do plano universal do intelecto que compreendi este parentesco interno – eu era neto de escravos do mesmo modo que o Presidente Lebrun o era de camponeses explorados e oprimidos pelos seus senhores**. Na verdade, o alarme parava rapidamente.

(FANON, 1983, p. 105)

Corpos negros são ficcionais, assim como os corpos brancos também são. Mas na fantasia que os corpos negros são corpos vistos como perigosos, rebeldes e ao mesmo tempo fortes. Mas, no final, acredito que são corpo sem significados ou (des) significados. O trecho, a seguir reflete a ilusão que depositam sobre os corpos pretes/negres:

“Preto sujo!” Ou simplesmente: “Olhe um preto!”. Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos”. (FANON, 1983, p.103)

Esse trecho remete ao sentimento de sentir um corpo pensado como sempre outro, na ficção contrária do outro corpo branco. O meu corpo na escola diariamente é notado, avaliado e questionado. Perguntas como “você é professora de português e/ou inglês?” não são raras. Sou constantemente associada à professora de línguas, já como impossibilidade de ser professora



de sociologia já que é raro encontrar, na minha geração, pessoas negras com esta profissão. É comum eu ser confundida repreendida grosseiramente por não estar uniformizada, acham que sou aluna no espaço escolar, e isso também traz o significado para mim de que alunes negres não são tratadas de forma agradável ou respeitavelmente - estou sendo no mínimo sutil em meu apontamento.

Por diversas vezes sou confundida com outra profissional negra ou alune negra que frequenta o mesmo espaço, mesmo que trabalhe algum tempo no mesmo espaço. O meu corpo não é notado como professora e, é invisibilizado no(s) espaço(s). Podemos pensar que somos homogeneizados, ou seja, várias cópias escuras de tons diferentes, a ponto de sermos confundidos o tempo inteiro e/ou a impossibilidade de compreensão que o corpo negro possa passar algum saber. A dúvida é constante!

Mesmo estando meses na mesma escola, levei muito tempo para ser notada como professora e fui constantemente barrada na portaria da escola por ser confundida como aluna, mesmo estando arrumada com roupas que os alunes adolescentes em sua maioria, não costumam usar, ou um gestor escolar dizer após a inserção de tranças no cabelo a seguinte frase: “A cada dia você parece menos professora”. Já um colega homem – professor perguntar para mim, quando comentei que estava com a imunidade baixa, se eu era portadora do vírus HIV; E, para terminar os estereótipos, uma colega de trabalho, semanalmente, sente à vontade de brincar dizendo que tenho tantas turmas porque não estudei, sendo que esta já percebeu que não gosto do tom da brincadeira.

Reflexividades sobre o corpo negro na escola: problematizações formativas de si sobre o hoje

Tentei mostrar, a partir das indagações e comentários, como um corpo racializado e, que assume a identidade ética e vive o estereótipo, cria um imaginário no qual nada no seu corpo é como outra pessoa branca (branquidade), sempre imagina é um problema é inferiorizado, descapacitando, despotencializando e ignorando nas suas demandas diárias, as falas o mesmo corpo negro, corpo que sofre ficção racial, pode ser capaz de reproduzir nos corpos dos seus alunes as mesmas ficções dos pares os geraram, da incapacidade, da marginalidade e do alune



negre ser bom é sempre uma surpresa, um acontecimento fora da curva – suas atitudes não são naturais, natural e os adjetivos positivos fazem parte da branquidade.

A escola não é um lugar à parte, não é uma instituição à parte das outras instituições no Brasil, e o racismo instituído habita o espaço escolar assim como habita os demais espaços na sociedade brasileira. Existe uma projeção no corpo negro de que tudo que não é positivo se encontra no nosso corpo. Uma projeção do que o branco pensa do negro como Kilomba escreve:

“(...) não é com o sujeito Negro que estamos lidando, mas com as fantasias brancas sobre o que a Negritude deveria ser. Fantasias que não nos representam, mas sim o imaginário branco. Elas são os aspectos negados do ‘self’ branco, que são re-projetados em nós, como se fossem retratos autoritários e objetivos de nós mesmos (as)”. (pg.175)

Essa fixação em recusar e em projetar a negação do próprio self (branco) traz o perigo de estereotipar outros corpos (de cor como: Negros, Mexicanos, Indígenas...) e criar corpos com diferentes de tudo que é do branco e olhá-los como de forma binária como bom e ruim e os outros corpos não branco com muitos estereótipos. Na obra *op.cit*, Fanon descreve que o nosso corpo negro é visto como negação: “É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas”. (1968, p. 104)

De um lado, um corpo dado a pouca educação e incapacitado intelectualmente. Corpo ameaçador que são corpos negros; do outro lado, um corpo dócil, intelectual, gestor e compreender das demandas institucionais sem pensar sobre o racismo – as questões discutidas no espaço escolar em que convivo são resumidas nas situações familiares e de classe e não ignoro essas questões, mas pensar e falar sobre racismo cria o que chamo de nuvem do mal estar, que paira sobre todas as cabeças, mas a branquidade espera um vento, uma brisa que possa afastar a possibilidade de um longo debate sobre racismo e do racismo institucional.

Dizer que a instituição é racista, que existe algum tipo de convivência com racismo é assumir para si e para quase todos que são ou reproduzem o racismo. E sabemos que no Brasil, mesmo com um aumento de discurso de ódio, não se fala que é racista, principalmente na instituição. Apoio-me em Mbembe, para pensar no corpo negro como ficção, apesar da diferenciação de tratamento entre pessoas de cores diferentes e uso a cor com agravamento no tratamento. O autor descreve: “A raça não passa de uma ficção útil” (MBEMB 2014, p. 27)



Apesar das críticas e problemas que vivencio nas instituições escolares, essas não são diferentes das de outras instituições - percebo que a escola ainda é um espaço institucional com abertura para se discutir questões sobre raça e gênero ou fazer atividades sobre o racismo. Contudo, o que trago aqui é quem faz as atividades e quando “podemos” realizá-las. Além do fazer, pensar um pouco nas consequências que podem gerar e criar um desconforto, porque falar sobre grupos subalternizados é acarretar incômodo no ambiente e dizer que faz parte destes grupos marcados pela diferença é criar constrangimento, mesmo sendo sabido por todos. É um pouco dos efeitos gerados nessa atuação, quando um negro professor/a resolve não só falar do racismo com demarcação temporal pela escola, demarcação da escravidão. Acredito na tentativa de construção e de mostrar que, apesar da diferença, falar profundamente de pessoas que existem no espaço e sobre elas é uma forma de fazê-las existir. Como o nosso corpo é visto como outro e não apenas outro, mas como Mbembe descreve a tentativa de altericídio, construindo não como semelhantes e sim como objeto intrínseco de ameaça, em que existe a necessidade de se proteger. É nesse corpo que negro habita.

As festas sobre o dia da Consciência Negra sempre me surpreenderam ao perceber que o evento era marcado pelo apelo de pensar o negro escravo, quase sempre, levando a uma referência inevitável aos 13 de maio (mesmo sem mencionar) e não ao 20 de novembro, que é o dia escolhido, depois de diversas lutas, para não pensar que o povo negro foi realmente libertado. A opção de pensar um negro escravizado e marcado pelo tempo faz distanciar a ideia de racismo, o que traz um conforto, porque falamos do racismo longe de “casa”, longe do tempo-espaço atual. Falamos dos “outros” e em um outro tempo, distante, ao mesmo tempo em que não recusamos que existe, mas não está sobre nós. É um racismo que é uma aura.

Discutir problemas cotidianos vivenciados no nosso corpo, ou seja, falar dos problemas próximos a nós, sempre toma um tom mais complexo, e, precisa-se respaldar mais com argumentos, sobretudo, com o medo das afeições influenciarem nos posicionamentos analíticos. Logo, é mais fácil falar do “vizinho”, do racismo da novela, do comercial, o que falou no jornal ao racismo no espaço em que habitamos uma vez que isso traz muito desconforto, falar das dores que perpassam o nosso corpo é reviver as dores.



Estamos acostumados a falarem do racismo, falo da escola, com distanciamento histórico e com o pensamento sempre focado no passado, de preferência sempre bem distante do presente, é uma forma eficiente de fazer com que estes corpos percam significados, percam materialidade como corpos que sofrem com racismo. É uma estratégia eficiente de matarmos simbolicamente grupos específicos, marcados pela diferença – marcados pela violência e exclusão. O distanciamento faz perder sentido, não atribuir um significado.

Pensando no meu corpo no espaço escolar, sempre me sinto como um corpo em constante deslocamento e um corpo desencaixado. Quanto mais enegreço, mais deslocado e desencaixado me torno. E a explicação sobre o desencaixe e deslocamento não pode ser tão simples quanto aparentemente a terminologia sugere. Meu corpo está sempre em trânsito, não pode se fixar em um espaço. Não porque não queira, mas porque muitas vezes sou impossibilitada. Não consigo fixar-me em muitos lugares- espaços – porque parece que não os pertenço ou não sou desejada em muitos espaços. Expressar verbalmente sobre qualquer descontentamento é sentir-me recusada ou um corpo tomado por uma hipérbole física de descontentamento, de reclamações por estar e compartilhar um espaço que não é meu

Quando estou com alunes, não sou aluna; quando entro na escola, não pareço professora e sou tratada com desrespeito. Quando querem elogiar, é desmerecendo meu lugar social, como: “Você não parece professora”, ou seja, meu corpo não se atém em lugar algum. O desencaixe é uma consequência do constante deslocamento, cada tentativa de encaixe, de fixação e de afirmação de pertencimento é me apontado que sou uma estrangeira, estranha, que não faço parte. Permito sinalizar duas consequências de não fazer parte. Primeira, é colocado um isolamento, porque tenciono o espaço ao ser e falar sobre racismo – desconectar dessas questões traria um “falso” encaixe, seria tratada como fazendo parte, mas não sendo quem sou. Minha segunda proposição afirma que assumir uma estética remete que não faço parte da concepção de beleza da branquidade, que sou diferente, mostrando que sou exceção. Quanto menos pareço com uma mulher branca, mais reforço que não sou uma pequena parcela da sociedade que ocupa este espaço. Ou seja, não pertenço ou não consigo me encaixar plenamente no espaço que divido com outros. Porque tentam fazer com que o meu corpo sintasse-se invadindo o espaço e não pertencente a ele.



Para um corpo negro é sempre difícil perceber o lugar de naturalização, outros corpos são naturais e os corpos negres são que estão nossos são estranhos e porque não afirmamos inadequados. São corpos pensados no lugar da servidão, da marginalidade e da morte. Ao conversar com profissionais da educação que trabalham na conservação e na limpeza a escola, muitos deles e delas dizem que não escutam sequer um bom dia, seja dos alunos, seja dos outros profissionais da educação. O valor de servir é visto com desmerecimento na percepção do outro.

Apesar da minha escrita não ter o propósito de motivar a responder ou mesmo trazer soluções, mas a partir das provocações criadas e vivenciadas aqui. Trazer a possibilidade incomodar corpos acomodados no privilégio, privilégio que tem cor, gênero e sexualidade.

Ser uma mulher negra potencializada o lugar de subalterna e me difere das mulheres brancas – meu corpo só não é mais violentado porque sou/estou uma mulher negra hetero-cisgênera, com um corpo marcado pela concepção de uma heteronormatividade. Das ameaças que um corpo de uma mulher negra sofre ser heteronormativa e cisgênera diminui mais um demarcador de violência – já que um corpo de uma mulher negra é constantemente ameaçado tanto de maneiras literais (verbalmente, fisicamente) e simbolicamente (com olhares de inadequação dos espaços frequentados).

O espaço público, como qualquer outro lugar onde habitem seres humanos é um lugar de disputar, de haver relações de poder e de fala, apesar de perceber que a dominação da fala e do poder não é feminino e negro- disputar poder é uma das poucas faces positivas, a voz dos diferentes do que é autorizada é corpo que sofre constantes interpelações, mas ao mesmo tempo são corpos que respondem de várias formas na fala, na posição do corpo, na escolha metodológica, corpos que parecem solitários e isolados, mas não são. Corpos que se aliam com outros corpos na escola. Meu corpo, mesmo deslocado, encontra outros corpos deslocados que se aproximam, que desabafam e que trazem uma necessidade de serem pautados e visibilizados. Corpos que incomodam, mas que se fortalecem coletivamente. Somos aliados.

Trabalhar com o tema do racismo de forma aprofundada é sentir-se sozinho, mas não tão só a ponto de não se aliar com outros que se sentem só. Com inúmeros silenciados na escola que é composta por mulheres negres, pessoas transgêneras, as gays da escola e com classes



desfavorecidas – buscar essas alianças não é criar facções, polarizar e sim criar vida a partir da visibilidade dos corpos, no pensar, da circulação do espaço e visibilização da voz e do corpo, da produção transcendente à estética, mas que cria saberes.

Eu, mulher preta, professora que trabalha na escola, percebo a teoria pulsando o meu corpo de forma positiva e negativa. A micropolítica ou necropolítica adentra esse corpo que olha a teoria não como algo distante, como muitos já o fizeram. Logo, como mulher negra, que está escrevendo sobre o corpo de uma mulher negra me recuso escrever as mulheres negras, as negras e a negritude como algo que se distancia de mim. Simplesmente porque sou negra, sou mulher e não só escrevo sobre, mas antes de tudo sou e não estou!

Apontamentos (in)conclusivos

Para finalizar, faço questão de ressaltar que o texto é escrito cheio de pessoalidade, porque considero importante esse posicionamento, de contar como testemunhas viventes o/os racismo que corpos de mulheres negras sofrem, e, no lugar de mulher negra não poderia escrever como outro. Não sou.

Escrevo na primeira pessoa porque a teoria não está distanciada de mim e muito menos do meu corpo no sentido físico e da construção de um self. Não tive a pretensão de pensar em certezas, não as tenho, não almejo tê-las. A falta aparência das certezas argumentativas prefiro provocar incômodos. Tenho um corpo incomodado e anseio estender este incômodo, mas, trazer incômodo para corpos privilegiados, corpos brancos, heteros e masculinos.

A partir da minha experiência, meu corpo colocado como objeto analítico e fruto de pensá-lo como experimentação. Já que vivencio o que penso – não posso, não teria como me tratar como outro, já fomos diversas vezes vistos, pensados como outros – trazer uma escrita que remeta ao distanciamento das questões que invadem meu corpo não acredito que paute atualmente o que acredito e procuro construir no meu saber e talvez contribuir para pensar corpos de negras.

Quando falo de mim como mulher negra, não falo sobre todas as mulheres negras no espaço público, mas acredito representar muitas mulheres negras que compartilham experiências próximas as minhas no espaço público no Brasil.



Corpos negres, gays, queers, femininos, afeminados e qualquer corpo considerado abjeto, recusado – são corpos apagados, mortos socialmente, epistemologicamente, historicamente. As tentativas de despotencializar os corpos são uma forma de morte. Por outro lado, os corpos, quando ocupam espaços públicos, materializam as suas resistências e existências. Dizendo quem são – poderíamos dizer ‘em parte’, podendo parecer muitas vezes rebeldia e, talvez, seja. Porque esses mesmos corpos se recusam a desocupar, porque tencionam ao dizer que estão lá, mas tencionam possibilitando a entrada de outros corpos. Estar nos espaços é fazer política com o corpo! Agradeço aos corpos que tencionaram, trouxeram e trazem forças para outros corpos estarem presentes em espaços que acreditaram que não eram nossos.

Por Marielle Franco¹⁵

Por Matheusa Passarelli¹⁶

Por Cláudia Silva Ferreira¹⁷

Por Amarildo Dias de Souza¹⁸

Pelos Gustavo Cruz Xavier, Dennys Guilherme dos Santos Franco, Marcos Paulo Oliveira dos Santos, Denys Henrique Quirino da Silva, Gabriel Rogério de Moraes, Eduardo da Silva, Bruno Gabriel dos Santos, Mateus dos Santos Costa e Luara Victoria Oliveira¹⁹

Por todes Dandaras e Zumbis e aos ancestrais que nos trouxeram até aqui.

Referências:

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em Movimento**. Estudos Avançados 17 (49) 2003.

¹⁵ Mulher negra lésbica, mãe e avó e vereadora do Rio de Janeiro que foi assassinada brutalmente na saída da ONG Casa das Pretas onde discutia a participação da mulher na política

¹⁶ Se identificava como não binária, com 21 anos, estudante da UERJ de artes visuais foi morta e teve seu corpo queimado em uma favela na Zona norte do Rio de Janeiro.

¹⁷ Foi morta em uma operação da Polícia Militar do Rio de Janeiro no Morro da Congonha, na zona norte do Rio de Janeiro. Cláudia foi baleada e em seguida arrastada por volta de 300 à 350 metros pela viatura policial que a socorreu. Cláudia era mãe de mãe de quatro filhos e cuidava de outros quatro sobrinhos

¹⁸ Ajudante de pedreiro, morador da favela da Rocinha após ter sido detido por policiais militares e conduzido da porta de sua casa em direção a sede da Unidade de Polícia Pacificadora do bairro, desapareceu. Foi morto e teve seu corpo ocultado

¹⁹ Jovens que foram asfixiados (mortos) uma ação da Polícia Militar em um baile funk na favela de Paraisópolis, zona sul de São Paulo, numa madrugada de domingo, em 2019. Jovens pobres, periféricos e negres.



FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Ed. Fator, 1983.

FOUCAULT, Michel (1999). **Vigiar e Punir. O nascimento da prisão**. Petrópolis: Editora Vozes.

KILOMBA, Grada. **“The Mask”** (A Máscara). Tradução de Jéssica Oliveira de Jesus. In Cadernos de Literatura e Tradução, n 16, 2014, p. 172.

MBEMBE, Achille (2003). **“Necropolitics”**. Public Culture.